

O ATENDIMENTO INFANTIL NA ABORDAGEM GESTÁLTICA

Maria de Jesus Lopes¹

Bianca Fátima de Oliveira Fleuri¹

Patrícia Ferreira Costa¹

Kamila Pereira da Silva Holanda¹

Isadora Samaridi²

RESUMO: A Abordagem Gestáltica surgiu em 1951 por um alemão chamado Frederick Salomão Perls. A teoria se utiliza de novos métodos de trabalhos conhecidos como fenomenológicos, priorizando a relação terapêutica, o entre, pois entende-se que é no contato que a psicoterapia ocorre, e no acompanhamento infantil esses princípios teóricos são fundamentais. Este trabalho tem como objetivo apresentar o processo de atendimento infantil na Abordagem Gestáltica, com o intuito de valorizar a visão de mundo, seja do terapeuta ou da criança juntamente com os seus responsáveis, visto que, o contexto familiar influencia o desenvolvimento pleno da criança, pois, acredita-se que o atendimento infantil se faz importante principalmente para a autonomia da criança frente às dificuldades vividas.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia. Atendimento Infantil. Gestalt-Terapia

1 INTRODUÇÃO

O atual cenário mundial, com aumento do desemprego, aumento da inflação, desigualdade, avanço da tecnologia, assim como, o início de uma possibilidade do fim da pandemia, que por sua vez, traz as notícias em tempo real, acarretando em incertezas, medos, angústias e traumas. Por outro lado, pode-se também encontrar diversas discussões sobre a importância da empatia pelo próximo, o quanto essa habilidade torna o ser humano cada vez mais consciente das responsabilidades com o mundo e consigo, sendo o mesmo um ser livre, para fazer escolhas que podem gerar qualidade de vida, bem estar e possibilidades.

As constantes transformações, nas quais impacta diretamente o comportamento e a percepção humana, se torna objeto de estudo para a Psicologia. Uma das abordagens teóricas

¹ Acadêmicas do 10º período do curso de Psicologia do Centro Universitário Alfredo Nasser, em 2022/2. E-mail: mariadejesuslopeslopes35900@gmail.com.

² Graduada e Mestre em Psicologia, Especialista em Gestalt-terapia. Professora do curso de Psicologia do Centro Universitário Alfredo Nasser das disciplinas Teoria e sistemas em psicologia III e Clínica de base fenomenológica; supervisora de Estágio clínico na abordagem gestáltica e de Trabalho de Conclusão de Curso; e, orientadora da pesquisa.

do campo psicológico que se propõe a estudar os fenômenos pode ser chamada de Gestalt-Terapia, criada por um alemão chamado Frederick Salomão Perls em 1951.

O ser criança está em constante mudança, e a Gestalt-Terapia por sua vez, a fim de compreender essas mudanças, de forma prática, possibilita os valores afetivos, emocionais, sociais e culturais. A criança nessa abordagem é percebida em sua totalidade, o terapeuta entende que o ambiente onde a criança está inserida, influencia no seu desenvolvimento. Para isso é exigido do profissional algumas etapas de atendimento como: fazer terapia e gostar de brincar, pois o mesmo precisa interagir com a brincadeira que a criança leva ao espaço terapêutico.

O brincar é utilizado para que a criança possa explorar sua autonomia, expor suas emoções, vivências e dificuldades, e isso se dá por meio de recursos lúdicos onde o terapeuta irá compreender tal desenvolvimento visando ampliar a *awareness* para que a criança tenha consciência de si e do mundo (FERNANDES, 2016).

Entende-se que o papel do terapeuta é auxiliar a família e a criança no processo da tomada de consciência *awareness*, pois eles buscam uma ajuda profissional para o desenvolvimento saudável da criança. Para que este auxílio aconteça, o terapeuta pode fazer uso de algumas técnicas como jogos, brincadeiras, conversas, atividade de ouvir e contar histórias, a fim de trabalhar a criatividade da criança e captar o tema que ela traz, pois no sentido lúdico uma brincadeira se torna séria na psicoterapia com a criança (FERNANDES, 2016).

2 METODOLOGIA

A metodologia aplicada para o desenvolvimento do trabalho foi fundamentada pelo método científico hipotético-dedutivo, com pesquisas bibliográficas utilizando das contribuições dos diversos autores que trabalham com a temática, desenvolvida por meio de pesquisa em livros, artigos, trabalhos científicos, entre outros.

3 DISCUSSÕES, RESULTADOS E/OU ANÁLISE DE DADOS

A compreensão diagnóstica dentro de uma perspectiva gestáltica, descreve a existência singular da criança, mostrando ao terapeuta as atitudes de interrupção, as funções de contato

que estão bloqueadas e a distorção das percepções que a criança traz no momento do atendimento. O atendimento infantil é um processo clínico bastante delicado e pode ser considerado difícil devido à quantidade relevante dos elementos que estão envolvidos em cada situação (AGUIAR, 2005).

Nesse processo o terapeuta precisa ver a criança em sua totalidade e que o sintoma representa uma parte dessa totalidade. Tal compreensão se dá através de uma metodologia fenomenológica de investigação, onde a entrevista inicial é a ferramenta primordial para adquirir dados relevantes que vão dando sentido ao terapeuta, e automaticamente o mesmo vai estabelecendo um relacionamento com a criança (AGUIAR, 2005).

O vínculo na terapia se dá a partir do momento em que o terapeuta assume uma postura de aceitação, acolhimento e respeito pela criança, entendendo a forma em que a mesma está no momento do encontro. Independentemente do que venha a acontecer, o terapeuta precisa estar preparado para entender as adversidades que supostamente possam ocorrer (AGUIAR, 2005).

A Gestalt tem uma perspectiva relacional do desenvolvimento: somos seres de contato, de relação, de trocas e nos desenvolvemos a partir de encontros e desencontros com outras pessoas significativas. É nesse contato com o mundo que nos atualizamos, descobrimos nossas potencialidades e limites, e procuramos satisfazer nossas necessidades, sempre conduzidos por nossa tendência à autorregulação orgânica (BARBOSA, 2011).

A teoria de Kurt Lewin ensina que o sujeito é um ser relacional no contexto de interação com o seu meio ambiente, ou seja, ele não está isolado do mundo. Para ter um pouco mais de compreensão é necessário entender que a criança faz parte de um campo juntamente com suas vivências. Esse campo é dinâmico e está em todos os aspectos da criança de forma que toda influência pode gerar algum tipo de alteração. Tais comportamentos dependem dos aspectos subjetivos enquanto sujeito e da interação com o mundo. A criança não é um ser totalmente autêntico e livre para fazer suas próprias escolhas, a mesma depende dos pais ou responsáveis e a forma na qual estes irão reagir, estando ligado com o que eles permitem, sendo assim, a criança não leva uma liberdade plena ao fazer suas escolhas.

Nesse processo de desenvolvimento da sua identidade a criança não consegue estabelecer uma predominância de ser no mundo. Inicialmente o padrão e a forma de desenvolvimento estão voltados para a família, ou seja, ela irá introjetar. Introjeção é o

processo pelo qual se obedece e aceita opiniões arbitrárias novas e valores pertencentes a outros, engolindo coisas sem querer e sem conseguir se defender.

Os âmbitos escolar e familiar da criança têm influência na dinâmica e sensibilidade para perceber a necessidade de um profissional, é fundamental. Ao ser encaminhada para terapia os pais ou responsáveis precisam ter clareza dos objetivos a serem trabalhados, tendo consciência de sua importância seja no contexto cultural, social, emocional ou histórico familiar, pois o processo terapêutico trabalha diretamente no brincar com a criança. Nas primeiras sessões, é necessário que os responsáveis estejam presentes, sendo assim o terapeuta consegue absorver o máximo de informações para melhor desenvolver o atendimento, e dentro das possibilidades, irá trabalhar em conjunto com todos aqueles que possam influenciar o meio circundante dessa criança de forma que sejam parceiros uns dos outros.

Essas sessões podem contribuir para o desenvolvimento individual de cada membro da família, levando cada um a perceber sua importância no processo a qual a criança se encontra. No processo de acompanhamento, a escola, dependendo da demanda, tem uma frequência maior, mas sempre com objetivos a serem alcançados, buscando informações sobre determinados comportamentos do dia a dia da criança. Como ela interage com as brincadeiras, colegas e professores, seu desenvolvimento escolar, suas frequências entre outras. Tudo isso é válido para direcionar os profissionais a realizarem tarefas de acordo com cada demanda de maneira a contribuir para os processos de melhoria do comportamento e bem estar da criança no contexto escolar (FERNANDES, 2016).

O término da psicoterapia saudável não quer dizer que a criança não poderá voltar, pelo contrário, é um novo começo, já que ela apresenta manejo das suas emoções. Nem sempre o término do processo terapêutico ocorre de forma fluida há situações que esta finalização vem por parte dos familiares da criança e não do terapeuta. Com a interrupção brusca, nem sempre a criança tem autossuporte ou reconhece-se em seu, pois o desejável é que a criança juntamente com o terapeuta perceba que não há mais necessidade de terapia, sendo assim esse seria o término da terapia ideal (FERNANDES, 2016).

A doença significa que a criança interrompeu sua capacidade de dar respostas criativas a específicas situações conflitivas e às suas necessidades internas. Passou a perceber o outro como de uma forma petrificada, criando padrões de comportamento e interação repetitivos vinculados a uma gestalt fixada, que enriquece a formação novas figuras e interrompe o fluxo natural da percepção das necessidades (ANTONY, 2009, p. 358).

O processo terapêutico dura o tempo que for necessário para cada criança, quando vai chegando ao fim é de extrema importância que o terapeuta perceba através das sessões o desenvolvimento emocional e a segurança que ela demonstra, o psicoterapeuta ainda deve ouvir os relatos dos responsáveis sobre como ela tem se percebido no mundo. O término exige habilidade por meio do vínculo que houve entre a criança e o terapeuta para assim perceber que ela não traz mais demanda e demonstra desinteresse pela terapia, com isso realizar o fechamento e a despedida (FERNANDES, 2016).

O terapeuta infantil com orientação de base humanista-existencial tem como meta realizar um trabalho clínico no qual exercer o papel facilitador do autoconhecimento, possibilitando à criança vivenciar e experienciar a liberdade e o poder de escolha por meio de espaço, escuta, nomeação de seus desejos e respeito pela sua singularidade. Deve propiciar, ainda, o reencontro consigo mesmo e a emergência de outras possibilidades por intermédio das quais possa encontrar recursos para ressignificar o sofrimento psíquico, denunciado ou não em forma de sintomas (COSTA; DIAS, 2005, p. 44).

A importância da terapia infantil é contribuir para o fortalecimento e desenvolvimento da criança nas habilidades de criar recursos para lidar com as dificuldades e com os sofrimentos, pois ao interagir com o terapeuta ela consegue expressar os seus sentimentos por meio das funções de contatos através do brincar para assim ampliar a awareness e permitir novas experiências (FERNANDES, 2016).

4 CONCLUSÕES

A partir dos estudos das autoras, foi possível alcançar o que se esperava em relação ao atendimento infantil na abordagem gestáltica. Apontar sobre tal abordagem, que as mesmas levam a compreender sobre a relação terapêutica, entrando de fato no "mundo da criança", para que o processo seja eficaz, e tenha resultados duradouros.

Destaca-se a importância de o Gestalt terapeuta levar em consideração a singularidade da criança, sabendo que essa está em desenvolvimento. Nesse sentido, questões vividas podem interferir de forma positiva quanto negativa. Ter a sensibilidade de acolher a criança em todas suas nuances, desde o primeiro contato com ela, e seus responsáveis, bem como conduzir de forma ética e fenomenológica, são de extrema importância.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Luciana. **Gestalt-terapia com crianças** – teoria e práticas. Rio de Janeiro: Livro Pleno, 2005.

ANTONY, S. M. R. Os ajustamentos criativos da criança em sofrimento: uma compreensão da Gestalt sobre as principais psicopatologias da infância. **Revista Estudos e pesquisas em psicologia**, v. 9, n. 2, p. 356-375, 2009.

BARBOSA, Poliana G. A criança sob o olhar da Gestalt-terapia. **Instituto de Gestalt-Terapia e Atendimento Familiar**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 14, p. 4-22, dez. 2011. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/hevila/IGTnarede/2011/vol8/no14/1.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2022.

COSTA, M. I. M.; DIAS, C. M. S. B. A prática da psicoterapia infantil na visão de terapeutas nas seguintes abordagens: psicodrama, Gestalt terapia e centrada na pessoa. **Estudos de psicologia**, Campinas, v. 22, n. 1, p. 43-51, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2005000100006&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 10 ago. 2022.

FERNANDES, M. B. Psicoterapia com crianças. *In*: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. (Eds.). **Modalidade de intervenção clínica em Gestalt-terapia**. São Paulo, SP: Summus Editorial, 2016. p. 56-82.